Antropóloga refaz andança sertaneja

Pesquisadora acompanha deslocamento de famílias por Minas, Bahia e São Paulo

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Fotos: Divulgação

Embarque do ônibus de montão em Artur Nogueira , São Paulo

Foto: Antoninho Perri

A antropóloga Verena Sevá Nogueira: compreendendo a formação do território de famílias camponesas

Maria, de Aracatu, Bahia, morava no Jardim Satélite Íris 1, em Campinas, quando conheceu Verena Sevá Nogueira, uma antropóloga que se desafiou a refazer seu percurso migratório. Maria saiu da fazenda da família, foi para Campinas e depois para Artur Nogueira. Mas a pesquisa teve um caminho inverso, indo de Campinas à Bahia. É que Verena desenvolvia sua tese de doutorado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), a qual se propunha compreender o território de famílias camponesas como a dessa aracatuense, marcadas por andanças pelo mundo. A pesquisadora também chegou a outros membros da família dela que moravam em duas fazendas de Aracatu: a Martim e a Baixa Escura, e adjacências. Depois voltou a Campinas para continuar sua pesquisa de campo na fazenda Monte D'Este, antiga colônia Tozan, visitando ainda Artur Nogueira, além de estudar fazendas de café do sul do Estado de Minas Gerais. Tais deslocamentos, explica, atuam na organização e na constante reconfiguração do território das famílias sertanejas.

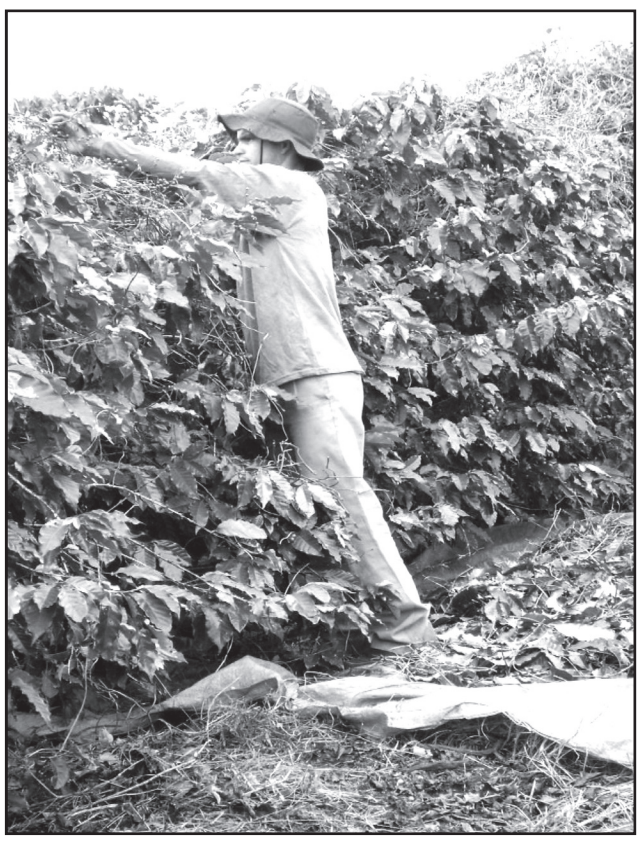
A conclusão do trabalho, orientado pela docente do Departamento de Antropologia do IFCH Emília Pietrafesa de Godoi, mostrou que o território dessas famílias se conforma como um território de parentesco descontínuo e fisicamente fragmentado, mas com seus lugares conectados por redes familiares, sejam estes suas fazendas da Bahia, suas casas em municípios de São Paulo ou as fazendas de café para onde se deslocam todos os anos para trabalhar. "Portanto, é um território que não está limitado às terras da fazenda da Bahia ou à casa de Maria, em Campinas. Inclusive Maria nem está mais aqui, revela Verena. Mudou-se para Artur Nogueira porque lá conseguiu comprar um terreno. É empregada doméstica e o marido, operário numa fábrica de espuma de Campinas. Ela viaja todos os dias de Artur Nogueira para Campinas. Já o marido fica a semana toda em Campinas e vai para Artur Nogueira no final da semana. "Isso quer dizer que ela não mudou de emprego e continua viajando, se deslocando."

As viagens de Verena não foram aleatórias. Ela reuniu elementos claros para compreender a formação do território dessas famílias camponesas, que têm vários de seus membros circulando por outros espaços físicos, seja na periferia de Campinas, em Artur Nogueira e nos deslocamentos sazonais para colheitas de café, sobretudo na última década. Um aspecto interessante da casuística, afirma Verena, foi compreender a importância que hoje assume a migração para o café. "Contam que vão ao café e fazem a feira do ano", enfatiza.

As famílias se deslocam com muita frequência. "Isso ocorre pelo menos desde o início do século passado", verifica Verena. As fazendas de Aracatu se situam em região do semiárido brasileiro, cujo clima é um fator limitante à reprodução plena das famílias, somado à pobreza e à falta de políticas e investimentos governamentais no local. Essas pessoas vivem basicamente da agricultura e, por causa dos períodos de seca, têm suas atividades restringidas. Para além da agricultura, não existem muitas alternativas de trabalho para a população no local, exceto os poucos empregos públicos e um pequeno setor de serviços.

As famílias estudadas então buscam uma sobrevivência fora da sua terra. São impulsionadas por uma motivação financeira, a esta se agregando outros tantos projetos familiares ou individuais. Há jovens casais que saem para buscar dinheiro fora a fim de construírem sua própria casa na fazenda, aqueles que saem porque seus amigos também saíram e chefes de família porque precisam dar o sustento aos seus. Artur Nogueira foi o município onde Verena encontrou o maior número desses migrantes, local chamado carinhosamente por eles "Artur Baiana".

Outro local avaliado pela pesquisadora foi a fazenda Monte D'Este, na Rodovia Campinas-Mogi Mirim. Grande parte da produção local é de café, produto de exportação. A colheita dura cerca de três meses e é feita há 14 anos por um grupo de Aracatu.



Trabalhador de café na Fazenda Monte D'Este, em Campinas

Zora e a filha Nanô na Fazenda Martim

Convivência

O primeiro passo foi se inteirar como era a vida dessas famílias onde nem todos os seus membros moram necessariamente nas fazendas de Aracatu. Perambulam há mais de 50 anos. Antigamente, recorda Verena, viajavam em paus-de-arara ou pegavam o "trem da migração" para trabalharem no interior de São Paulo e no norte do Paraná. Depois houve uma leva de migrantes que foi colher algodão em Guanambi, no sul da Bahia. Há uma década, muitos aracatuenses vêm se deslocando para colher café em Machado e Paraguaçu, no sul do Estado de Minas Gerais, e em Campinas, na fazenda Monte D'Este. Paralelamente a todo esse movimento de pessoas que anualmente vão para o café e voltam para Aracatu no final da colheita, outras estão vivendo em Campinas e Artur Nogueira há um bom tempo, assim como outras que nestes locais moravam voltaram para as fazendas de Aracatu, apurou a pesquisadora.

Na tese, ela informa que usou termos como práticas, deslocamentos e trajetórias migratórias porque o que encontrou foi um processo migratório heterogêneo no qual as famílias praticam as mais diversas modalidades de deslocamento para fora de suas fazendas. A ideia era conhecer os espaços de vida de famílias que andam e ao mesmo tempo se mantêm relacionadas, conectando nesse processo os lugares por onde circulam, expõe. Chamou-lhe a atenção a grande mobilidade física e esta associada a uma constante atualização das redes de relacionamentos.

Essas redes se formam entre pessoas que moram em locais distantes e pessoas que estão em novos lugares. Elas se ajudam seja para realizar novas migrações, mandando remessas de dinheiro ou mesmo presentes. "Entretanto, o que mais as pessoas reclamam dos parentes que estão fora é a falta de informações. Prevalece o bem imaterial mais do que os presentes e o dinheiro para a continuidade das redes familiares." O antropólogo Louis Marcelin, relata Verena, já falava disso, salientando que as pessoas devem investir para poderem participar de um grupo de parentes.

Campo

A partir de Maria, a antropóloga conheceu sua família nuclear, marido e três filhos. Depois conheceu parentes dela e foi até a Bahia. É uma árvore genealógica extensa. Lá conheceu os seus pais, tios, primos e vizinhos. Conseguiu circunscrever a pesquisa a duas famílias: a família de Maria, cujo chefe é o seu avô, o velho Zora, e a sua avó, dona Calu, que são os apelidos de seu José e dona Carolina; e também de seus vizinhos que têm uma relação de parentesco por causa de casamentos em comum, da fazenda Baixa Escura, cujo chefe é o seu Zé Mascate e sua mulher, dona Dalvanir. Ela é irmã de Zora.

Verena conhecia outras pessoas e sempre voltava a Maria. Em Artur Nogueira estavam quase todos os seus tios paternos e, na fazenda de Aracatu, apenas as famílias do avô de Maria, do pai dela e de um tio. "O fato de chegar a um lugar e conhecer novas pessoas leva a outro. Estando na Bahia, eu voltei a Campinas para outros lugares por conta das pessoas de Aracatu. De Artur Nogueira e Campinas, voltei a outras pessoas na Bahia e a outro tipo de olhar."

Dos familiares da fazenda Martim, de onde saiu Maria, ninguém vem colher café na fazenda Monte D'Este. Vão mais para o sul de Minas Gerais. Para Campinas vêm pessoas de outras fazendas de Aracatu. A turma de migrantes que anualmente se desloca para cá é formada por cerca de 50 ou mais trabalhadores, chegando a 80 nos chamados anos bons, arregimentados por Jaime, da fazenda Baixa Escura. É ele o responsável por organizar um grupo consoante ao perfil requerido pelo dono da fazenda Monte D'Este. Além de arranjar um ônibus para os migrantes, ele aqui permanece durante toda a colheita.

Os trabalhadores recebem por produção, ou seja, por quilo de café colhido, ao passo que o arregimentador recebe porcentagem de todos os contratados. Ele é alguém que goza de prestígio entre os migrantes e os moradores da Bahia. "Como ele, existem vários outros aracatuenses que levam seus conterrâneos para as fazendas de Minas Gerais", conta Verena.

Quando a casa é o centro do mundo

Nas incursões que fez a Aracatu, a pesquisadora ficou hospedada nas casas do seu Zé Zora, pai de Maria, e de outros parentes. A casa, aliás, tem um significado muito peculiar: como a fazenda é um lugar familiar, mas comunitário, a casa de moradia é um lugar individualizado, mais da família nuclear. É como se houvessem duas acepções para casa – a habitação, em separado, da família nuclear e a fazenda como um todo.

A casa revelou-se na pesquisa o lugar estruturante das relações sociais das famílias e, por isso, fundamental para a compreensão de como elas se agrupam, se organizam e se reproduzem dentro de um território móbil, "um território que transborda os limites geográficos da 'casa' sertaneja, das novas casas de moradia do Sudeste e dos alojamentos de migrantes, conformando-se na interrelação entre esses espaços distantes, porém conectados", detalha Verena.

"Na literatura antropológica se fala em casa familiar com um sentido não somente de habitação, mas de uma pessoa moral", conceitua Verena. Em alguns casos, como o encontrado nesta pesquisa, as pessoas vivem em função de uma casa camponesa, da qual participam e são por ela organizadas. "As pessoas na Bahia sempre diziam comprei uma casa, vendi uma casa. Você vem a minha casa?", lembra. Não adiantava à pesquisadora visitá-las na roça ou encontrá-las nas ruas. A casa é esse lugar com o qual elas se identificam e se sentem pertencentes. "Daí chamei as fazendas Martim e a Baixa Escura de Casa Martim e Casa Baixa Escura, dando-lhes depois o nome genérico de casa camponesa."

O que Verena descobriu no trabalho foi um território não delimitado pela cerca da fazenda, um território que se organiza a partir de sua interrelação com outros lugares. São pessoas que vão e que voltam; pessoas que se movem e um território que se move junto com elas. Portanto não será de se estranhar se dia desses Maria resolver voltar à Bahia, sua casa-chão.

Publicação

Tese de Doutorado "Sair pelo mundo. A conformação de uma territorialidade camponesa"
Autora: Verena Sevá Nogueira
Orientadora: Emília Pietrafesa de Godoi
Unidade: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
Financiamento: Fapesp